



Junho 2024

## MÃE CLARA: A arte de ser “Mestra de Vida”



«Se já antes se destacava por suas qualidades e virtudes, após a morte do Pe. Beirão, a Madre Maria Clara encarna cada vez mais o modelo da vida hospitaleira, na simplicidade e na pobreza, na fidelidade e na alegria, no amor e no perdão, na humildade e na solicitude do serviço constante, no desprendimento de si e na partilha. Era tão intensa a sua vida de piedade, que o Convento das Trinas se tornou um centro de animação litúrgica e de evangelização. Com as esmolas dos fiéis, convidava os melhores pregadores da cidade e procurava dar às festividades todo o esplendor que lhe era possível. Não sabia poupar quando se tratava da glória de Deus e de Maria SS.ma. Amava entranhadamente a S. Eucaristia e esforçava-se por Lhe dar toda a honra, através da celebração solene do tempo litúrgico e da adoração do ao SS.mo Sacramento: Sagrado Lausperene e Pia União Eucarística.

O seu grande amor ao Coração de Jesus levou-a a consagrar-Lhe a Congregação, a 26 de julho de 1882, e a fundar uma Arquiconfraria, da qual foi a 1ª inscrita. Celebrava com toda a piedade o mês a Ele dedicado e as sextas-feiras...» (MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *POSITIO Super vita, virtutibus et fama sanctitatis Mariae Clarae a Iesu Infante*, Vol. I Informatio, Romae, 2002, pág.21-22).

A vida e as obras da Mãe Clara revelam-na autêntica pedagoga e podemos considerá-la ainda uma mistagoga, capaz de formar e conduzir as suas discípulas à vivência de uma verdadeira espiritualidade religiosa e cristã. A sua vida interior, alimentada pelas leituras espirituais, pela meditação do mistério divino, pela Palavra e a compreensão das necessidades da vida comunitária constituem o pano de fundo de tudo o que escreveu nas circulares dirigidas às Irmãs. As suas palavras, antes de passarem ao papel, eram rezadas e assimiladas no espírito, no coração e na vida. Não elaborou tratados teológicos da vida consagrada. Sempre partia daquilo que constituía a realidade da vida fraterna e, por isso, quase todas as cartas têm como tema central a vida fraterna e a qualidade das relações das Irmãs entre si e com Deus. Como pessoa realista, não a assustavam os defeitos nem as limitações próprias e alheias. Considerava que somos todos doentes, necessitados de cura. Para ela, essa cura devia ser enfrentada como uma luta contínua entre o ideal proposto e a consciência da própria fraqueza: *Eu vos digo, queridas filhas, sofrei-vos a vós mesmas, que encontrareis bem que sofrer!*

Iluminada pela sabedoria divina, a Mãe Clara confiava na capacidade que cada pessoa tem para crescer e mudar e não admitia que a existência de falhas e fracassos da comunidade fossem causas de críticas e juízos negativos. Sustentada pela esperança, acreditava que a vida é um eterno recomeço, em progressão ascendente, até à realização do projeto divino sobre cada ser humano. Numa síntese refinada, condensa a vida da Irmã Hospitaleira em três verbos: *trabalhar, amar e esperar*. Às Irmãs, incentivava uma vivência fraterna com tolerância, compreensão, aceitação mútua e maior simplicidade no trato fraterno: *“Não interpreteis nada para mal, mas tomai tudo à boa parte”*. Desejava ver reinar entre as Irmãs a perfeita união de corações, de vontades e de ideal. Animava as Irmãs a aceitarem com espírito de fé os imprevistos e contratemplos e tudo devia ser centrado na pessoa de Jesus, até alcançar a configuração com Ele.

A Irmã Maria Clara era Mestra pela palavra, pelo estímulo, mas o era ainda mais pelo testemunho de vida. Estava plenamente convencida de que *o exemplo dos Superiores influi o mais possível em os súbditos* e aplicava essa norma a si mesma, antes que a qualquer outra. Ciente de que *“a amabilidade cativa mais do que o rigor, procurava ser mais Mãe do que Superiora*. Deste modo, conseguia a adesão afetuosa das Irmãs ao ideal que lhes propunha, de viver como deviam (Cf. MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *Maria Clara do Menino Jesus sua gente e sua obra*, Coimbra, 2013, págs.237-240, 247).